

Sem ler nem escrever até os seis anos de idade.

Artigo de J.A. Auni6n, publicado no jornal espanhol *El Pa6s*, em 9/12/2012

- Há uma press6o social para avançar na aprendizagem, dizem especialistas.
- O importante 6 fomentar o desejo de aprender, diz um especialista.
- Na Finl6ndia, o foco est6 no desenvolvimento geral at6 os cinco anos de idade.
- O ensino deve ser envolvente e levar em conta os interesses e o desenvolvimento da crianãa.

"Acho que perdi a primavera", grita Sara, de cinco anos. Ela est6 em aula na escola p6blica Teresa de Calcut6, em San Sebasti6n de los Reyes (Madri). Enquanto vasculha uma caixa, ela v6 tr6s fotografias da mesma paisagem 6 sua frente: uma tirada no ver6o, uma no outono e outra no inverno. De fato, a primavera estava faltando. Ent6o Sara n6o estava usando uma met6fora, mas seu coment6rio inocente enquadra perfeitamente o cerne deste artigo. A saber: os objetivos e os conte6dos escolares t6m sido muito antecipados para crianãas muito pequenas, de modo que o segundo ciclo da educaã6o infantil se torna uma esp6cie de miniescola prim6ria para crianãas que deveriam estar aprendendo, talvez, coisas semelhantes ao que lhes 6 ensinado, mas definitivamente de uma maneira diferente.

Esta 6 basicamente uma das conclus6es de um estudo recente conduzido pelo professor Robin Alexander, da Universidade de Cambridge, a maior revis6o da educaã6o prim6ria brit6nica em 40 anos. Especialistas afirmam que quatro e cinco anos 6 muito cedo para iniciar uma educaã6o formal e defendem um ensino que ajude as crianãas a desenvolver habilidades sociais, linguagem e confianãa por meio de brincadeiras ou simplesmente conversando com elas. Tudo isso, em vez de priorizar a alfabetizaã6o e a

Núcleo de Alfabetização Humanizadora

Práticas Pedagógicas

matemática, como muitos professores são forçados a fazer, pressionados pela necessidade de elevar os padrões educacionais, afirma o relatório. É verdade que os sistemas espanhol e britânico são diferentes: iniciam a escolaridade obrigatória aos cinco anos, em vez dos seis, com uma espécie de educação pré-escolar, e, na Espanha, o segundo ciclo da educação infantil (idades de três, quatro e cinco anos) ainda apresenta bastante espaço para variações em sua metodologia. Mas os especialistas não têm dificuldade em traduzir as ideias do estudo britânico para o caso espanhol, pois afirmam que essa pressão para aumentar o conteúdo existe em uma educação infantil muito semelhante à educação primária, com uma certa divisão por áreas disciplinares, ou disciplinas, e a troca ocasional de professor ao longo do dia.

A professora de Sara, Pilar Vara, e sua colega, Marisa Cervigón, concordam com essa ideia. Elas são professoras do último ano da pré-escola na escola Teresa de Calcutá e, juntas, têm 40 anos de experiência docente nessa etapa.

E quem discorda? Para começar, parece que quem faz as regulamentações, que introduz cada vez mais conteúdo (mais alfabetização, mais inglês, mais tecnologia), são os que... "Eles vão querer que eles comecem a andar aos seis meses", brinca Vara, acrescentando posteriormente: "Como eles vão aprender a falar se não falam, passam o dia todo preenchendo formulários?"

Especialistas reclamam constantemente dessa pressão social para melhorar os padrões educacionais por meio do avanço do conteúdo, como o estudo de Cambridge já apontou. Essa ânsia se torna contraproducente. "Pode minar a confiança das crianças e corre o risco de prejudicar sua aprendizagem a longo prazo", diz o relatório. E cita o exemplo da Finlândia, que sempre figura no topo do Relatório PISA da OCDE (sigla em inglês para Organização para a Cooperação Econômica e Desenvolvimento), que mede as habilidades de leitura, matemática e ciências de jovens de 15 anos. No país nórdico, eles se concentram na educação social, física e ética até os cinco anos de idade e, aos seis, dedicam um ano à transição para a escola regular.

Núcleo de Alfabetização Humanizadora

Práticas Pedagógicas

Mas isso requer forte apoio social. Na Espanha, ao contrário, "há uma pressão terrível e enorme para avançar na escola em termos de disciplinas, leitura e escrita, mas avançar na aprendizagem formal, longe de reforçar o desejo de aprender. Na verdade, os aborrece profundamente", diz Irene Balaguer, presidente da associação de professores Rosa Sensat. Carmen Ferrera, porta-voz dos diretores de creches da Comunidade de Madri, com mais de três décadas de experiência, é ainda mais contundente: "Minha opinião é que a alfabetização não deve começar antes dos seis anos de idade. Todo aprendizado forçado prejudicará o aprendizado futuro." Mesmo a ideia, respaldada por extensa pesquisa, de que a escolarização precoce pode prevenir o fracasso acadêmico pode ser arruinada se as crianças forem submetidas a muita pressão, afirma Jesús Palacios, professor da Universidade de Sevilha. Para crianças de origens socioeconômicas e culturais mais favorecidas, isso não é crucial.

Palacios reclama que as aulas de pré-escola são, em geral, fundamentalmente baseadas em planilhas¹, as que Pilar Vara mencionou. As planilhas são o equivalente infantil de um livro didático, explica ele. Por exemplo, as crianças identificam as partes de uma árvore, preenchem-nas com cores diferentes, reproduzem as letras... "Há um paradoxo na pré-escola: as crianças sentam-se em grupos, mais ou menos em círculos, mas raramente trabalham em grupo; em vez disso, dispostas dessa forma, fazem trabalhos estritamente individuais", acrescenta Palacios.

É claro que a questão tem raízes muito antigas. "Temos um problema que o sistema britânico não tem: a educação pré-escolar foi criada como uma extensão descendente do ensino fundamental. Aqui, não havia jardim de infância, como na Alemanha, nem pré-escola, como na França; em vez disso, o ensino fundamental simplesmente começava em um determinado ponto. Então, o sistema cresceu de cima para baixo", diz o professor.

¹ NT. Correspondentes às apostilas.

Núcleo de Alfabetização Humanizadora

Práticas Pedagógicas

Palacios, assim como Balaguer, Ferrera, Vara e Cervigón, explicam que a diversidade dos alunos, tanto em desenvolvimento quanto em interesses, é tão diversa que parece tolice tentar ensinar a todos a escrever ou a desenhar os números. "Há crianças que são muito curiosas e escrevem seus nomes. Ou aquelas que descobrem que existem letras na rua ou em histórias. Essas crianças começam espontaneamente. Mas há crianças que têm outros interesses", diz Balaguer. "Precisamos avançar para coisas muito mais lúdicas, com uma metodologia que as ajude a se desenvolver globalmente", continua Ferrera.

Mas como isso é feito? A professora dá um exemplo: iniciar a aula com uma assembleia: "As crianças, em círculos, começam a conversar com a professora sobre coisas que as preocupam, coisas que as interessam, sobre o que fizeram... Se o dia estiver nublado, a professora precisa ser hábil em sugerir brincadeiras, dramatizações ou simplesmente falar sobre o tempo e as nuvens."

"É verdade que a educação infantil precisa ser mais flexível, menos regulamentada do que o ensino fundamental e médio. Acima de tudo, não deve haver pressão, que é fruto da pressão social. Mas também é verdade que existem escolas e professores que já fazem isso", diz Jaume Carbonell, pedagogo e diretor dos Cuadernos de Pedagogía. A escola Teresa de Calcutá é provavelmente um exemplo perfeito. Pelo menos, Pilar Vara e Marisa Cervigón insistem nisso. "Tentamos ser muito flexíveis; por exemplo, evitamos os livros didáticos o máximo que podemos", diz esta última.

A tarde para elas é mais ou menos tranquila. Bem, tão tranquila quanto possível perto de um grupo de crianças de cinco anos. Às três horas, todos entraram em fila — "Vamos, pessoal, o trem", disse Pilar — até chegarem à sala de aula, decorada com uma tonelada de murais, desenhos e um grande totem de papel, mais alto que todas as crianças, ao lado da janela. A paisagem continua com um quadro-negro tradicional ao lado de um tocador de música e um computador. Na outra extremidade da janela, há uma mesa com um bonsai e alguns pedaços de batata que, quando molhados, começam

Núcleo de Alfabetização Humanizadora

Práticas Pedagógicas

a brotar. Algumas crianças ficam sentadas ali, com lupas nas mãos, investigando. Outras, em um conjunto de mesas (como Palacios explicou, são três blocos feitos a partir de várias mesas unidas), fazem formas com massa de modelar; outras ainda decoram uma espiral desenhada no papel com séries que depois recortarão, deixando o resultado como uma serpentina. "Eu faço coração-de-sol, coração-de-sol", diz uma criança com entusiasmo. "Eu faço um muito difícil: quadrado, triângulo, círculo", acrescenta outra com orgulho. As últimas se revezam pegando um cartão com uma palavra escrita e, batendo palmas, descobrindo quantos sons-sílabas cada um tem. Por aproximadamente uma hora, elas se revezam realizando todas as atividades. Embora algumas pareçam um pouco entediadas, outras riem com entusiasmo, e há discussão. No geral, elas parecem estar se divertindo, embora pareça que algumas delas estão ficando sem energia. "Elas passam longas horas aqui. Algumas chegam às 7h30 para o café da manhã e saem às 18h", diz Pilar. E, embora tentem fazer as coisas de forma diferente, reclamam dessa falta de flexibilidade, por exemplo, tendo que interromper as atividades para assistir às aulas de inglês.

Há muitos níveis de flexibilidade. A regulamentação e a organização das escolas permitem isso até certo ponto. Embora haja profissionais que tentam fazer as coisas de forma diferente, essa porcentagem não é "representativa da maioria e, em todo caso, a sociedade não a aplaude", diz José Antonio Fernández Bravo, especialista em ensino de matemática e autor de vários trabalhos sobre conteúdos na educação infantil. Fernández enfatiza a pressão social imposta pelos pais: "Somos obcecados em elevar os padrões e acreditamos que isso significa avançar nos conteúdos, mas não é. Está comprovado, até neurologicamente, que nessa idade o mais importante é fomentar a vontade de aprender."

Na educação, existem muitos círculos viciosos, e este pode ser um deles. Em meio aos relatórios do Pisa que causam estupor e raiva generalizada, porque a educação em espanhol não está produzindo os resultados que todos gostariam, professores do ensino

Núcleo de Alfabetização Humanizadora

Práticas Pedagógicas

fundamental reclamam que as crianças estão saindo da pré-escola sem saber o suficiente; professores do ensino médio reclamam da mesma coisa em relação ao ensino fundamental, e professores universitários reclamam da mesma coisa. Mas, em meio às reclamações entrelaçadas e repetidas, **e se a raiz do problema está no fato de que estamos pulando etapas? E se Sara realmente perdeu sua primavera?**

Tradução: *Suely Amaral Mello*